



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Narrativas da cidade: uma aproximação entre memória coletiva, cidade e literatura.

City Narratives: an approach between collective memory, city and literature

Rodrigo Vitorino Assumpção¹, Aluno Bolsista CAPES do Doutorado Puc Campinas, rodrigovias@gmail.com.

Jane Victal Ferreira², Professora Doutora do Programa de Pós Graduação Doutorado Puc Campinas, janevictal@puc-campinas.edu.br.

¹ Rodrigo Vitorino Assumpção é Professor Mestre em História do Urbanismo. Leciona na Universidade Cidade de São Paulo Unicid, Fiam Faam Centro Universitário e Universidade Guarulhos UnG.

² Jane Victal Ferreira é Professora Doutora em História do Urbanismo. Leciona na Puc Campinas nos cursos de graduação e stricto sensu da mesma universidade.

RESUMO

Esse artigo elabora uma reflexão sobre a memória coletiva e a formação das identidades urbanas na cidade de São Paulo, utilizando a obra literária de Alcântara Machado como fonte primária de pesquisa. Para tanto, dividimos o trabalho em duas partes. Em primeiro lugar apresentaremos uma discussão sobre narrativas literárias e narrativas urbanas, conforme aspectos tratados em obras de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e Bernardo Secchi. Posteriormente faremos uma reflexão sobre a memória coletiva de Maurice Halbwachs e o resgate das narrativas apresentadas na obra de Alcântara Machado para o estudo da cidade de São Paulo.

Palavras Chave: Memória Coletiva, Cidade, Literatura.

ABSTRACT/RESUMEN

This article presents a reflection on the collective memory and the formation of urban identities in the city of São Paulo, using the literary work of Alcântara Machado as a primary source research. For that, we divided the work into two parts. First we present a discussion of literary narratives and urban narratives as issues discussed in the works of Paul Ricoeur, Walter Benjamin and Bernardo Secchi. Then we will make a reflection on the collective memory of Maurice Halbwachs and the redemption of narratives treated in the work of Alcântara Machado for the study of the city of São Paulo.

Keywords/Palabras Clave: Collective Memory, City, Literature

INTRODUÇÃO

A cidade como sedimentação de signos ao longo do tempo e espaço constitui o registro indelével no território, conforme sugere Bernardo Secchi (2006). O espaço urbano é o resultado direto da ação do homem, seja por meio de leis que ordenam os usos da cidade, ou por uma constituição arquitetônica mais informal de técnicas vernáculas, que moldam a morfologia urbana. Os registros podem ser associados como parte de um todo ou em pequenos fragmentos, que auxiliam na interpretação de um determinado fato marcante para a História Urbana daquele local. Nesse caso, esses registros - pautados por documentos oficiais - reconstróem uma "História Oficial", ou seja, uma historiografia associada aos fatos que produzem uma identidade nacional, ou regional. No caso da cidade de São Paulo, muitos desses documentos são encontrados na Assembléia Legislativa ou em arquivos históricos públicos.

São documentos que, por possuírem um caráter político e social significativo para a compreensão da História Urbana, muitas vezes se sobrepõem a outros registros que, a princípio, podem parecer de menor valor histórico. Entretanto, quando esses registros são observados mais atentamente, eles apresentam fatos que os documentos oficiais não conseguem transparecer. Isso não significa que, na essência do fato, temos duas ou mais Histórias conflitantes sobre a mesma cidade, nem tão pouco há uma importância maior entre elas. Na realidade são metodologias narrativas distintas e por consequência possuem fontes de pesquisa distintas, bem como resultados e análises distintos. Nesta dualidade epistemológica destacamos duas análises pertinentes ao trabalho do historiador: a memória coletiva e a memória individual, ambas descritas na obra de Maurice Halbwachs.

A História enquanto ciência é, na sua essência, uma narrativa. Mas o que nos interessa, nesse artigo, é uma reflexão sobre histórias do cotidiano paulista do início do século XX. Nesse sentido, encontramos na obra de Antônio Alcântara Machado um meio de resgate da memória coletiva relativa à formação dos bairros operários de São Paulo: Brás, Bexiga e Barra Funda. A leitura do espaço urbano e a construção das narrativas fazem parte da formação das Identidades Urbanas. A cultura que emerge nas ruas estabelece relações diretas entre o tempo e o espaço, assim como as relações entre memória e lugar são constituídas por diversos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. A literatura se encarrega de estabelecer uma outra narrativa, onde reafirma a consciência de identidade e memória coletiva apresentados por grupos sociais que constituíram a cidade. Diferentemente do historiador das cidades, que baseia sua narrativa nos documentos históricos, ou do cronista histórico que constrói sua narrativa a partir da topologia das ruas e dos homens e fatos importantes que constituíram a cidade³, a obra de Alcântara Machado apresenta sua narrativa por meio da vivência do espaço urbano de um grupo social de imigrantes que ocupam uma nova porção territorial e concebem novos bairros na cidade. A vida cotidiana desses imigrantes são narrativas urbanas, que trabalham em um plano individual, ao mesmo tempo em que abrangem o aspecto coletivo da sociedade, possibilitando a constante elaboração da sua identidade local.

Nesse trabalho exploramos justamente a importância da literatura para uma refiticação da identidade urbana. A narrativa literária se entrelaça à narrativa da própria cidade a fim de salientar as questões de memória coletiva e identidades. Para tanto, abordamos nesse artigo as questões

³ Um exemplo de historiador de cidades que podemos destacar é Benedito Lima de Toledo com seu livro São Paulo: três cidades em um século; enquanto um cronista histórico que merece atenção é Paulo Cursino de Moura com a obra São Paulo de outrora: evocações da metrópole.

sobre narrativas e posteriormente a narrativa literária de Antônio Alcantara Machado como método para discussão sobre a identidade urbana.

AS NARRATIVAS E A EXPERIÊNCIA

Para Benjamin a arte de narrar um fato está em vias de extinção, pois poucos são aqueles que sabem fazê-lo devidamente (Benjamin, 1987). A narrativa está vinculada diretamente com a experiência vivida, isto é, com o conhecimento vivenciado em sua plenitude, e para o autor, vivemos em um tempo sem experiência. Essa afirmação de Benjamin decorre do conhecimento sobre a essência da narrativa que tem como função transmitir uma mensagem, codificada através da linguagem e compreensível a um determinado grupo cultural. Coloca-se como uma ligação comunicativa entre um sujeito emissor e um sujeito receptor. Entretanto, diferentemente da informação, a narrativa possibilita diversas interpretações do fato narrado. É também uma relação entre o homem, o tempo e as imagens, na medida em que aquele que emite a mensagem - tal qual o que recebe - cria diversas imagens em tempos distintos. Ao se estabelecer a narrativa de um fato - seja aquele que emite ou o recebe - cria imagens distintas do evento narrado.

Ricouer (1994) aponta que o mundo apresentado pela obra narrativa é sempre um mundo temporal, e ressalta que o tempo torna-se tempo humano visto que se articula de modo narrativo, assim como a narrativa esboça traços da experiência temporal. O tempo humano é oposto ao tempo cronológico na medida em que o primeiro carrega na sua essência o tempo como experiência de vida, enquanto o segundo é um passar do tempo sem relação direta com a experiência. A narrativa possui a premissa de transmitir a experiência vivida e, portanto, é uma qualificação da existência temporal o que, para a Ricouer, remete a discussão sobre o tempo como “ruminação inconclusiva” e réplica da atividade narrativa.

Diferentemente da construção da poesia, onde a sublimação da palavra tem a função de representar o instante do tempo, tornando-o instante poético, a narrativa se constrói no tempo existencial do narrador, que só finda com a sua ausência. Portanto, há um campo homogêneo do tempo entre narrador e fato narrado, onde o tempo do narrador é simultâneo ao fato narrado, sendo que um complementa o outro. Assim, o próprio fato narrado é parte do narrador, ou seja, é a sua representatividade na experiência existencial.

A crítica sobre o tempo sem experiência em Benjamin é retomada por Olgária Matos⁴. Em ambos os autores o declínio de experiência provém do surgimento da cidade industrial, quando ocorre a substituição dos modos de ser do homem tradicional – àqueles vinculados as atividades da terra – por aqueles do homem moderno. As narrativas de Benjamin acontecem na passagem da cidade tradicional para a industrial europeia, semelhantemente a obra de Alcântara Machado que é escrita no início da industrialização paulista. Nestes dois contextos, a cidade se transforma, tornando-se metrópole, mas na obra literária o autor expõe a formação das identidades urbanas dos bairros paulistas, pautada pela relação com a memória coletiva do grupo de imigrantes italianos.

A narrativa presentifica o passado com imagens anteriormente vividas e assim coloca-se no campo da memória. Para Ricouer, a narrativa implica em memória enquanto o futuro é uma espera contida no presente por coisas que estão por vir (Ricouer, 1994).

⁴ Ver também vídeo da CPFL sobre o assunto.

A espera é assim análoga à memória. Consiste numa imagem que já existe no sentido que precede o evento que ainda não é(...); mas essa imagem não é uma impressão deixada pelas coisas passadas, mas um sinal e uma causa das coisas futuras que assim são antecipadas, pre-percebidas, anunciadas, preditas, proclamadas antecipadamente (...) (Ricoeur ,1994)

A espera do futuro é o silêncio, a pausa no tempo narrativo. É também o instante que inaugura o futuro, mas que faz da memória um fator recorrente na espera. Só é possível medir o tempo quando no passado ou no futuro, enquanto o presente é incomensurável e indivisível. Mas se é possível mensurar a passagem do tempo, é certo que o tempo possui um espaço, isto é, uma medida do tempo. Isso porque Ricoeur considera o “passar do tempo” no sentido de transitar (*transitare*), o que suscita uma quase espacialidade, mas as relações entre intervalos de tempo são também espaços de tempo⁵(Ricoeur ,1994). O instante de suspensão é a própria apresentação do tempo presente. A síntese do tempo está contida no fato narrado. É ela que contrai diversos acontecimentos ocorridos anterior e posteriormente à narrativa, como causas, efeitos ou consequências subentendidas a ela. É nesse sentido que dois objetos do nosso estudo se apresentam e se correlacionam de forma mais clara: a literatura e a cidade.

Pensamos a cidade de São Paulo na dualidade de ser narrada por um literato onde seus personagens vivenciam os fatos e o tempo narrados; e o espaço urbano criado pelos urbanistas. O fato narrado pela literatura é também um documento, um registro que o literato explora, a fim de apresentar um tempo vivido. Esse tempo vivido e explorado como registro histórico só se constituiu na contemporaneidade do literato, pois ele percebe, por meio dos sentidos, o espaço e a passagem do tempo, portanto esta experiência sensível é passível de uma análise histórica.

Da mesma forma, a cidade é a síntese de tempos, tanto do passado, com seus traços sócio culturais, representados por patrimônios – como expectativa⁶ do futuro - apresentado por possíveis planos urbanísticos, visando à constituição urbana futura. Esses traços são elementos visíveis em qualquer sociedade, e se apresentam na própria cidade através dos espaços urbanos e da arquitetura. Os traços sociais e culturais da cidade podem ser compreendidos como vestígios e ou fragmentos. Nesse sentido literatura e cidade são acúmulos de conhecimento, depositários do saber cultural e possuem o caráter de transmissão de experiências vividas se partirmos do princípio de que ambos são artefatos humanos construídos e interpretados em tempos e espaços distintos.

Por sua vez, a cidade é o resultado do trabalho coletivo em diferentes instancias, os quais serão vivenciados pela sociedade como um todo. Produzir cidades é também o ofício do urbanista, na medida em que ele cria espaços urbano. O trabalho coletivo da sociedade, bem como do urbanista têm como resultado final a constituição da paisagem. Além de ser fisicamente produzida, a cidade é um conjunto de manifestações sócio culturais constituídas na duração do tempo, se apresenta em imagens de tempos distintos, simultaneamente construída por meio da sobreposição de significados. Entretanto, há uma transformação contínua do território, dada pela reconstrução e modificação de signos que ocorrem devido à pluralidade dos sujeitos que vivenciam o espaço e nesse sentido a cidade também é narrativa. Discorrendo sobre isso, Bernardo Secchi elabora uma reflexão sobre a importância da narrativa na ciência moderna, como uma estrutura discursiva para constituir um conjunto de enunciados relacionados a fatos. Essencialmente, é a idéia de progresso que supera o obscuro e a ignorância. Nesse contexto, por muito tempo a ação do urbanista é

⁵Essa é uma discussão apresentada por Ricoeur quando questiona o tempo sob o olhar de Santo Agostinho, que segundo o autor é um grande enigma (*aenigma*) investigado pelo religioso.

⁶No sentido etimológico de “spectare”, olhar ou espera o futuro

apresentada como a finitude do processo de agravamento das condições da cidade e do território por ele analisado além um início virtuoso de um processo de melhoria. (Secchi, 2006).

Na narrativa, as Figuras⁷ sempre estão presentes como parte da estrutura discursiva. Frequentemente, as figuras não possuem apenas um sentido descritivo, mas também “um papel construtivo, de organização do nosso pensamento”(Secchi, 2006). É uma concepção metafísica que unifica e orienta o pensamento, relacionando aspectos diferentes da percepção do real. As figuras, enquanto parte das narrativas urbanas referem-se ao modo de observar, interpretar e construir a cidade, não apenas no discurso sobre a cidade, mas também na sua constituição física, isto é, na configuração do espaço urbano.

Enquanto narrativa, a cidade coloca-se como uma recomposição intencional de fatos, espaços e tempos que merecem ser explorados para transmitir experiências construídas no decorrer da História. Olhar a narrativa literária e sobrepor a uma narrativa urbana tem o sentido de explorar duas possibilidades de transmissão concomitantes de experiência. Nesse contexto, a memória coletiva que estabelece relações afetivas com um determinado fato, um tempo e um espaço, representadas ora na literatura, ora na própria cidade, tornam-se ambas, narrativas.

Literatura: Viés da Memória Coletiva de São Paulo

É possível uma aproximação entre as idéias de Halbwachs (2006) sobre memória coletiva e individual com as premissas sobre as narrativas de Benjamin (1987). Se para Halbwachs o homem se apoia em memórias individuais para promover a memória coletiva de um grupo social; por sua vez, Benjamin afirma que as melhores narrativas escritas são as que menos se distinguem da narrativa oral contada por narradores anônimos. É exatamente no anonimato dos personagens que Alcântara Machado tece suas narrativas. Em sua obra, são as memórias individuais de cada personagem que reconstróem a memória coletiva desse grupo de imigrantes, em seus primeiros anos na cidade de São Paulo. Não é possível afirmar categoricamente a existência literal de cada personagem do texto de Alcântara Machado, mas isso não tem severa importância na narrativa. Entretanto, se o livro surge a partir de escritos como notícias extraídas de jornais, a priori podemos supor que os fatos possivelmente ocorreram. O mais significativo para nosso contexto é que as vivências desses habitantes constituíram valores culturais que mereceram ser narrados e sua importância está no fato de manifestarem certa identidade urbana criada entre o grupo social e o espaço da cidade.

A cidade é construída em tempos e espaços distintos. Muitas vezes, vemos nas cidades as sobreposições de tempos e espaços. O espaço urbano construído no passado ainda é vivenciado na contemporaneidade. É a própria cidade que narra sua história com marcas indelévels no espaço urbano. As memórias do passado estão presas, imóveis em um tempo que não existe mais, entretanto ao rememorar-las elas reconstróem um espaço vivenciado.

O que articula o tempo narrativo literário e a cidade é justamente a memória coletiva. Halbwachs deixa claro em sua obra que o homem vivencia a memória coletiva e a memória individual, concomitantemente. Entretanto, muitas vezes a memória individual se apoia na memória coletiva para apresentar um fato com maior clareza. O autor esclarece que a reconstrução das imagens de

⁷As figuras descritas por Secchi indicam, em um nível abstrato, formas de pensamento, formas de cidades, suas partes ou até mesmo a arquitetura. Como dissemos, é uma percepção do real. Portanto, é uma imagem que se constitui a partir do real. O autor reserva um capítulo inteiro para esmiuçar essa questão. Vide capítulo “Figuras”

um acontecimento é a aproximação dos fragmentos de memórias individuais, só possível na instância coletiva e enquanto aqueles membros do mesmo grupo social continuarem a fazer parte daquela coletividade. A memória individual depende do lugar que o indivíduo ocupa no grupo social e as suas relações com o ambiente. (Halbwachs, 2006). Ela é passível de mudança, pois é um ponto de vista sobre a memória coletiva. A percepção dos fatos e dos espaços são atos individuais. Cada vez que essas percepções individuais do espaço e tempo emergem como imagens através de narrativas, elas passam a fazer parte da memória coletiva. Quanto mais se ouve ou lê sobre determinados fatos, melhor a percepção sobre os fatos e essa memória individual se torna mais a memória dos outros membros do grupo, ou uma “memória tomada de empréstimo, que não é minha”(Halbwachs, 2006). Portanto, é possível que obras literárias, na sua experiência narrativa que reúne narrador e temporalidade, possam recompor modos de vida e paisagem urbana de tempos passados, tornando-se nesse sentido fontes de pesquisa histórica.

Ao registrar a vida cotidiana desse grupo de imigrantes italianos na cidade de São Paulo, Alcântara Machado simula uma experiência da memória coletiva, por meio de personagens individuais, que a priori, não possuem características próprias de protagonistas ou coadjuvantes. Todos os personagens fazem parte de uma narrativa social. Como figura de linguagem, os personagens são metonímias, ou seja, partes de um todo, inseridos em uma História Urbana. Mas também representam a concentração dos imigrantes italianos em uma porção do território paulista: Brás, Bexiga e Barra Funda. É interessante pensar na relação que essa narrativa social, composta pelas figuras da metonímia na narrativa literária, tem com a narrativa urbana e os registros de signos indelévels no território descritos por Secchi. Há entre estas duas experiências de narrativa uma diferença na produção: o literato é único autor, enquanto a cidade é obra da ação de vários agentes. Este aspecto torna a obra ainda mais relevante para o nosso estudo. Na medida em que o literato vai buscar em jornais seu material de trabalho, sua intenção é expor contar com a interferência de vários autores, diminuindo a relevância da visão centrada no autor, tal como a diversidade de atores sociais que constroem a cidade.

A obra de Antônio de Alcântara Machado apresenta a vida cotidiana, a experiência da rua, o homem tradicional que migra de seu país para uma nova cidade e se fixa em bairros como Brás, Bexiga e Barra Funda. É uma obra totalmente distinta daquela que constituem as narrativas da história urbana, história social, ou história econômica. A obra literária em questão é mais do que uma narrativa, é um simulacro em escala reduzida da experiência vivida na cidade.

Defendemos que, no caso de estudar bairros tão tradicionais como Brás, Bexiga, Barra Funda, é possível detectar a memória coletiva através de relatos como da obra de Alcântara Machado. Mas na medida em que esse autor narra um tempo literário, ele também recria paisagens urbanas que emergem da memória coletiva de cada uma das comunidades desses bairros. Halbwachs tem uma explicação para isso. Segundo ele, a consciência individual cria imagens e pensamentos que resultam de diversos ambientes vivenciados, que se sucedem sobre uma ordem, e por assim dizer uma história individual de cada um que vivenciou esses tempos e espaços (Halbwachs, 2006).

Considerações finais

A memória coletiva contém memórias individuais onde ambas são limitadas no espaço e no tempo (Halbwachs, 2006). Nesse artigo demonstramos que essas memórias se apresentam como parte da constituição da identidade urbana. O tempo e o espaço vividos, seja na rua ou nos comércios desses bairros em formação, também fazem parte dessa memória coletiva. Como a cidade faz parte da narrativa, ela é por vezes, a síntese do espaço onde as memórias são constituídas. Não se

trata aqui da cidade enquanto Patrimônio, até porque muitos dos espaços descritos na obra do literato já não existem mais. Temos, portanto, a cidade como parte da memória daqueles que ali viveram, mas também daqueles que puderam, através da narrativa, vivenciar a imagem de uma cidade que já não existe.

Sendo assim, a memória coletiva sobrevive por meio das imagens criadas das narrativas, tanto de Alcântara Machado, como das famílias que transformaram o espaço urbano em lugar, ou seja, estabeleceram uma relação simbólica com o espaço urbano reconhecendo-se como parte de um grupo social. Vale lembrar que essas relações simbólicas com o espaço urbano ainda persistem em bairros mais tradicionais da cidade de São Paulo contemporânea. A memória reconstrói na imaginação os espaços que foram fundamentais na nossa experiência urbana, durante toda nossa vida.

TÍTULO REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. Obras Escolhidas II: Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Tradução: Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. Novelas Paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China, Mana Maria, contos avulsos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- RICOUER, Paul. Tempo e narrativa. Campinas: Papyrus, 1994.
- SECCHI, Bernardo. Primeira lição de arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SILVA, Isabel dos Santos. Bras, Bexiga e Barra Funda de Alcantara Machado: uma narrativa registro da cidade de São Paulo. São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo. Puc SP. Dissertação de Mestrado em Literatura. 2010.